



19 97

REQUERIMENTO

N.º 1487

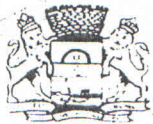
Requeiro à Mesa, cumpridas as formalidades regimentais, seja transcrita em Ata a série de artigos intitulada POR QUE NÃO BATE O CORAÇÃO DO RECIFE, de autoria de JÚLIO CRUCHO e publicada no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, nos dias 09, 16 e 22 do corrente, bem como seja designada uma comissão suprapartidária para atuar como interlocutora da Casa junto ao Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares.

JUSTIFICATIVA:

A série de artigos acima referida é muito mais do que um perfeito diagnóstico sobre a situação em que se encontra o centro do Recife e um conjunto de pertinentes sugestões para superar o quadro relatado: na verdade, Júlio Crucho nos brinda com um belíssimo depoimento, próprio e exclusivo dos que vivem e amam intensamente a nossa cidade.

Do alto da sua experiência e do seu conhecimento de causa, o autor discorre sobre a importância e o valor histórico das ruas e logradouros que compõem o até pouco tempo latente centro do Recife. Estabelece a importância vital da sua recuperação para a dinamização do turismo e conclui fazendo um chamamento para que seja estabelecido o que poderíamos chamar de Plano de Resgate daquela área, enfocando mais precisamente a possibilidade de promover uma reorganização no sentido de transformar os edifícios vazios em apartamentos residenciais.

Handwritten signatures and initials:
- Top left: *nan*
- Middle left: *qu*
- Center: *Popuinha*
- Right side: *Julio Crucho*, *Belu*, *Albuquerque*, *Albuquerque*
- Far right: *ul*



CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

RUA PRINCESA ISABEL, 410 BOA VISTA — CEP: 50050-450 — RECIFE — PERNAMBUCO

Continuação do REQUERIMENTO N^o 1487/1997

A idéia me parece absolutamente exequível e a Câmara do Recife, textualmente convocada pelo autor, certamente acataria com interesse a sugestão. No entanto, é preciso que outros segmentos sejam envolvidos nessa tarefa cujo ponta pé inicial está sendo dado por Júlio e, por consequência, pelo Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares. É absolutamente imprescindível o envolvimento firme do Executivo, tanto pelas prerrogativas legais que concentra, quanto pela capacidade que teria para articular setores da iniciativa privada diretamente interessados na questão, a exemplo dos próprios proprietários dos edifícios.

A constatação acima não significa, em absoluto, que à Câmara seria destinado um papel menor no processo. Entendo que aqui nesta Casa poderíamos, de imediato, constituir uma comissão suprapartidária para junto com o Sindicato levarmos os esboços iniciais da idéia para o Executivo. Pretendo, em primeiro lugar transcrever em Ata a série de artigos citada, para que fique registrada a preocupação de Júlio com o assunto e, imediatamente a seguir, propor a constituição da comissão que atuaria como interlocutora da Casa. É o que me parece correto fazer. Razão pela qual submeto aos meus pares o presente requerimento.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, em 22 de maio de 1997.


Waldemar Borges

Vereador - PPS

PUBLICAÇÕES

JORNAL DO COMÉRCIO
 DIÁRIO DE PERNAMBUCO
 DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO
 DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

EDIÇÃO 129
 PÁG.: A-2
 DATA: 09/05/1997
 U. F. PE

Opinião

Por que não bate o coração do Recife

Júlio Crucho

Joaquim Nabuco dizia serem as pontes do Recife verdadeiros terraços sobre o Capibaribe. A imagem poética do líder abolicionista, eu ousaria acrescentar um singular projeto: para completar os terraços, a engenharia municipal poderia debruçar varandas sobre o nosso rio, transformando as suas margens em espaçosas áreas de estacionamento. Particularmente no centro, onde a força econômica da cidade se atrofia. A depender do talento criador dos nossos arquitetos, é de se imaginar a conquista desses novos espaços vitais para quem deles precisa, e como é cada vez mais dramática essa dependência; adereços a dar pujança maior àquilo que o Recife tem de mais característico: o nosso nem sempre bem cuidado rio Capibaribe que João Cabral de Melo Neto tratou carinhosamente como um "cão sem plumas".

Aliás, não é tão nova assim nem rigorosamente minha a idéia de dar serventia ao grande anel formado pelas margens dos rios e que cerca o centro da cidade: desde as pontes do Limoeiro à Velha, passando pelo lado de lá, no Bairro do Recife, servido pelos terraços da Buarque de Macedo, do Limoeiro, Maurício de Nassau e a antiga Giratória.

Lembro-me perfeitamente: idealizada por Abelardo da Hora, de frente ao

Edifício dos Correios, lado direito da Ponte Duarte Coelho, o então prefeito Pelópidas Silveira construiu uma Galeria de Arte que se tornou vistoso cartão postal. Arrasada durante uma enchente da década de 60, essa primeira varanda sobre o Capibaribe injustificavelmente não foi reconstruída. Falei em espaço vital porque toda a rede bancária e lojas comerciais de todos os níveis dependem rigorosamente do fluxo de veículos. No caso particular dos consultórios médicos e dentários, além dos de serviços gerais e de advocacia, estão a distanciar-se cada vez mais para os bairros em detrimento de outras, fundamentais todas

as margens do rio. Um exemplo, e este é soberbo e bastante financiado por uma empresa de petróleo, o projeto de urbanização da rua da Aurora destinou pedaço das margens a esse tipo de serviço. Espaço essa área. Tão grande, vai do Ginásio Pernambucano à Ponte do Limoeiro hoje em dia sem a finalidade

A partir das oito da noite, apesar de todo um conjunto de atrações turísticas, o centro do Recife é um enorme vazio. A cidade parece sepultada

mentos avançando as calçadas e atravancando o trânsito já de si tão difícil; mais das vezes explorados pelo poder municipal mas em plena via pública, como é o caso dos chamados "rotatórios" do Cais da Alfândega, a estranhar o acesso de quem pretende os bairros da zona sul a partir do Recife antigo.

Outro exemplo, e este é soberbo e bastante financiado por uma empresa de petróleo, o projeto de urbanização da rua da Aurora destinou pedaço das margens a esse tipo de serviço. Espaço essa área. Tão grande, vai do Ginásio Pernambucano à Ponte do Limoeiro hoje em dia sem a finalidade

realizou o prefeito Jarbas Vasconcelos no Cais José Estelita. É, hoje em dia, o antigo Cais do Açúcar uma verdadeira varanda debruçada sobre os caminhos aquáticos que levam o Capibaribe ao encontro do mar. Resta ampliar o projeto, trazê-lo mais pra cá, até o Campo das Princesas. Dos dois lados.

A espierem-se o Cais da Alfândega e o Cais Mariz de Barros. Mais ainda: a rua da Aurora contemplando a do Sol. Parece-me fácil a construção dessas varandas: bastaria alargar o cais. Possível a execução do projeto, difícil acreditar não surja uma empresa privada capaz de assumir o controle das áreas destinadas ao estacionamento.

Porque não ter onde guardar o seu carro, só se vem ao centro por absoluta e imprescindível necessidade. Essa a verdadeira razão porque, a partir das 8 da noite, apesar de todo um conjunto de atrações turísticas, o centro do Recife é um enorme vazio. À noite, e nos finais de semana, a cidade parece sepultada em suas velhas e históricas igrejas, arquitetura do século passado e praças belíssimas.

Porque morreu para o turismo, o centro do Recife maior quase uma dezena de importantes hotéis e restaurantes.

Júlio Crucho é presidente do Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de Pernambuco.

PUBLICAÇÕES

<input type="checkbox"/>	JORNAL DO COMÉRCIO	EDIÇÃO	136 (136)	Opinião
<input checked="" type="checkbox"/>	DIÁRIO DE PERNAMBUCO	PÁG.:	A-2	
<input type="checkbox"/>	DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO	DATA:	16/05/1997	
<input type="checkbox"/>	DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO	U. F.	PE.	

Por que não bate o coração do Recife (II)

Júlio Crucho

Artescento ao que disse no primeiro artigo: sobretudo nos finais de semana, o centro do Recife é um grande vazio. E como se a cidade tivesse escapado para os bairros, confinando-se nos subúrbios. À noite, esse vazio sugere um leito deserto. Sempre ouvi dizer: o centro é o coração das cidades. Por que não bate o coração do Recife? Algumas das minhas razões para um tipo de doença urbana que ninguém já chamou de artimia dos largos, dor de cabeça das praças, colapso das avenidas e enfarte das ruas:

Porque morreu para o turismo, o centro do Recife matou quase uma dezena de importantes hotéis e restaurantes. E uma cidade que fecha hotéis está virando as costas e trancando portas aos seus visitantes. Entre eles - e para citar somente os mais importantes: o Avenida, o Guararapes, o Grande Hotel, o Sete de Setembro, o Palácio do Capibaribe. Está resumido ao Nassau, ao São Domingos, ao Plaza, ao Central e 4 de Outubro. E do-loro informar: para sobreviverem eles operam na base do sacrifício, com descontos de 50, 60%.

Eu disse é doloroso informar porque também queria dizer: vai além da saudade e atinge o desgosto lembrar o que o Grande Hotel representava para o recifense. Ele era o Copacabana do Nordeste. As mesmas características quase, a mesma arquitetura com certeza - dele se avistava o rio e o mar. De suas janelas podia-se quase passear com os olhos por aquilo que o Recife tem de expressivamente

universal para o turismo - as pontes pareciam conduzir o visitante à alma da cidade. Que está no casarão e nos telhados antigos. E os telhados de São José e Santo Antônio são quase franceses no dizer do publicitário Mário Leão Ramos.

Não seja de simplória saudade, essa verdade: o Grande Hotel era formador de mão-de-obra de primérrima qualidade. O garçom que nele trabalhava tinha passaporte assinado para os melhores hotéis do Brasil e do mundo. Simplesmente: porque, ao longo de sua existência, ele foi

de voltada para o serviço.

• Além dos nossos melhores hotéis se foram os nossos melhores restaurantes. Alguns deles - e quem não se lembra do Avis ou do Minho, da Mouraria ou do Lero-Lero, do 31 ou do Bruno? Restam-nos hoje, e heroicamente, o Galo de Ouro e o Dom Pedro. E, certamente, E como se aquela casa fosse imortal - este ano está completando 116 anos. Porque depois das seis e nos finais de semana a cidade escapole para os bairros, e quase totalidade não funciona: à noite ou aos

• Ruas há que resistiram aos camelódromos. Uma delas, a Matias de Albuquerque, é um admirável fast-food. Para atender somente a um tipo de cliente, o localizado - os que trabalham ali perto e depois das seis engrossa o contingente dos que vão embora. Para ganhar nos bairros aquilo que os poderes públicos não souberam estimular florescendo no coração das cidades, que é o centro.

Me parece óbvio: moderno e confortável seja, nenhum shopping center pode oferecer ao turista o que temha uma cidade para exibir-se ao mundo. No caso do Recife, a arquitetura colonial dos bairros de São José, Santo Antônio, Recife e Boa Vista, onde a cidade nasceu e se deu, xou esquecer à falta de apoio dos poderes públicos.

Sai das? Saídas há. Aos sábados e domingos, o estacionamento livre em todo canto. Nos dias de semana, a partir das cinco da tarde, quando fecham todos os bancos, cartórios, repartições públicas, há uma debandada de carros muito grande dessa área. Nessa hora, poderíamos estacionar livremente, permitindo-aos turistas movimentar os bares, restaurantes, o comércio em geral. E pudéssemos visitar as nossas igrejas, os nossos monumentos.

Vai além da saudade e atinge o desgosto lembrar o que o Grande Hotel representava para o recifense. Ele era o Copacabana do Nordeste

sábados e domingos. E os nossos bares? E os nossos bairros? De que morreram o Figueira, o Brahma, o Chope, o Chope Rápido, o Cabana e o Canavial? Ao centro se vemha hoje e aberto vai encontrar apenas o Savoy - essa outra casa imortal do recifense. Isso para não morrerem mais de desgosto do que de saudade de outras casas que se foram - os da Palma e Rosário, os da Penha e Direita. E até os que margeavam o Capibaribe, os das ruas do Sol e da Aurora - que abriam às seis, quando o sol ia embora e fechavam na chegada da aurora.

sábados e domingos. E os nossos bairros? De que morreram o Figueira, o Brahma, o Chope, o Chope Rápido, o Cabana e o Canavial? Ao centro se vemha hoje e aberto vai encontrar apenas o Savoy - essa outra casa imortal do recifense. Isso para não morrerem mais de desgosto do que de saudade de outras casas que se foram - os da Palma e Rosário, os da Penha e Direita. E até os que margeavam o Capibaribe, os das ruas do Sol e da Aurora - que abriam às seis, quando o sol ia embora e fechavam na chegada da aurora.

sábados e domingos. E os nossos bairros? De que morreram o Figueira, o Brahma, o Chope, o Chope Rápido, o Cabana e o Canavial? Ao centro se vemha hoje e aberto vai encontrar apenas o Savoy - essa outra casa imortal do recifense. Isso para não morrerem mais de desgosto do que de saudade de outras casas que se foram - os da Palma e Rosário, os da Penha e Direita. E até os que margeavam o Capibaribe, os das ruas do Sol e da Aurora - que abriam às seis, quando o sol ia embora e fechavam na chegada da aurora.

Presidente do Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Pernambuco.

PUBLICAÇÕES

<input type="checkbox"/> JORNAL DO COMMÉRCIO	EDIÇÃO <u>142</u>	<i>Opinião</i>
<input checked="" type="checkbox"/> DIÁRIO DE PERNAMBUCO	PÁG.: <u>A-2</u>	
<input type="checkbox"/> DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO	DATA: <u>22/05/1997</u>	
<input type="checkbox"/> DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO	U. F. <u>PE.</u>	
<input type="checkbox"/>		

Por que não bate o coração do Recife (III)

Uma cidade sem gente nas ruas, nas praças, restaurantes e bares: é uma cidade sem alma. Porque no centro não mora ninguém e porque, depois das sete da noite, nada tem a oferecer, seríamos nós, os recifenses, habitantes de uma cidade de coração desalimado. Algo a oferecer teria, ainda que precariamente, a zona portuária. Assim mesmo durante alguns dias da semana. E só.

Louvável, sem dúvida, a iniciativa da Prefeitura em restaurar o antigo bairro. Falta, contudo ampliar o leque, estimulando a iniciativa privada a torná-lo um lugar de turismo permanente, dar-lhe uma vida que siga além da sua destinação, pois nem todo mundo que vai ao porto o faz para beber ou dançar, mas para ver, passear, conversar.

Disso se faz o turismo em toda a parte do mundo: além dos monumentos históricos, ele pretende conhecer as pessoas. Conhecê-las para querê-las bem e arrastá-las para depois voltar. Ou recomendar a outras pessoas. Pesquisa dos centros internacionais de turismo denunciam que entre 60 e 70% dos turistas voltam aos lugares onde estiveram. Desde que tenham sido bem recebidos, é claro.

Depremente e constrangedor, um dado mais do que evidente que nos fez uma cidade sem coração a bater no centro do Recife: existem avenidas e ruas, e praças, e páios inúmeros de edifícios ociosos, inteiramente desabitados. Bastam só estes

exemplos: avenidas Nossa-Senhora do Carmo e Guararapes. As ruas Duque de Caxias e do Imperador. Além, da Siqueira Campos e as demais que a circundam e envolvem numa paisagem e arquitetura belíssimas hoje inteiramente abandonadas. Ocupados do primeiro para cima: Nem escritórios mais. Um ou outro, isso quando se trata de proprietário. Os grandes consultórios médicos, de advocacia e de serviços gerais escaparam do centro. Resistem algumas sorveterias e bares.

Um dado, comovente, as pessoas idosas preferem morar no centro. Assim é em Londres, no Rio de Janeiro, em Paris, em São Paulo, em Miami.

Acho que assim deveríamos chegar ao ano 2000 - e o próximo milênio estaria numo próximo um centro comercial que funcionasse 24 horas. Não seja absolutamente, minha essa constatação: o turista realiza compras numa prova de amor ao que viu e viveu numa cidade. Na verdade, ele procura lugares e povos para conhecer a sua história, compará-la com a sua própria à da sua gente e do seu País.

Nos temos um centro com história política e cultural das mais ricas do Brasil. E quase toda ela está fincada no coração da cidade. Ao que parece, o problema é só de rearmamento.

Com a nossa contribuição, da indústria hoteleira, o recifense há de reavivar o sangue que sempre correu no miocárdio da cidade.

Presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de Pernambuco

do primeiro andar para cima, 90% dos edifícios estão vazios. Do outro lado, dos Correios ao Edifício Santo Albino, em Guararapes e a dentro, no Recife, diamas para cima, temos mais de 500 famílias, quinhentas famílias significam mais de mil pessoas, calculando nessa área. E onde há gente há vida e prosperidade. No mesmo caso, à noite ninguém compra nada no centro, onde não existe supermercado, casas de câmbio ou de turismo, hotéis, nem se fala.

que fecham cedo. Simplesmente porque não tem fluxo de gente. Até os bancos estão se mudando, escapando, como as demais atividades, para os subúrbios.

Ande-se um pouco mais, para chegar às ruas tradicionais, como as do Imperador, Duque de Caxias, da Condição e do Livramento. Um montão de edifícios ociosos.

Eu insisto: haja iniciativa da Câmara dos Vereadores, um projeto de lei autorizaria a rearmamento desses edifícios, para torná-los em apartamentos residenciais, desde que a transformação não agride ao projeto original. Como o fizeram com alguns casarões da Aurora. E está se pra-

No centro do Recife, existem imensos de edifícios ociosos, inteiramente desabitados, avenidas e ruas, e praças, e páios